

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**"Orientação Sexual nas escolas  
Públicas"**

**Um Estudo de Caso nas Escolas de Ensino Fundamental  
do Bairro das Malvinas - Campina Grande/PB.**

**ALINE GOMES DOS SANTOS**

**Campina Grande, Outubro de 2002.**

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidades  
Departamento de Sociologia e Antropologia

**"Orientação Sexual nas escolas  
Públicas"**

Um Estudo de Caso nas Escolas de Ensino Fundamental do  
Bairro das Malvinas - Campina Grande/PB.

Aline Gomes dos Santos  
Orientadora: Tânia Régia de Oliveira

Monografia apresentada ao curso  
de Ciências Sociais em  
cumprimento às exigências da  
disciplina Estágio supervisionado  
em Pesquisa Sociológica II.

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ de outubro de  
2002, pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Profª. Tânia Régia de Oliveira  
ORIENTADORA

---

Profª. Drª Benedita Edina S. L. Cabral  
EXAMINADORA

---

Prof. Alarcon Agra do Ó  
EXAMINADOR

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e não ter permitido que eu caísse em desespero nos momentos de dificuldade.

Agradeço a minha família por ter acreditado em mim e ter me apoiado em todos os momentos de minha vida.

Agradeço ao meu marido (Sigerlandio ) por todo amor, carinho e dedicação que o mesmo tem por mim.

Agradeço a minha orientadora (Tânia Régia) por tudo que ela fez por mim.

Agradeço aos professores Alarcon Agra do Ô e Benedita Edina S. L. Cabral por constituírem a minha banca examinadora.

Agradeço às minhas amigas, principalmente a Malba, por estar sempre disposta a ajudar suas amigas nas horas difíceis.

Agradeço a UFPB e ao DSA, em especial a Rui que muito me ajudou.

Agradeço a todos os professores e funcionários que eu tive o prazer de conhecer durante a minha graduação.



## **Sumário**

|   |    |
|---|----|
| <b><u>Introdução</u></b> .....  | 05 |
| <b><u>Capítulo I- Jovens: As vítimas da (des)orientação sexual</u></b> .....  | 10 |
| 1.1 – Um breve histórico da sexualidade.....  | 11 |
| 1.2 – Comportamento sexual na adolescência: HIV/AIDS e Gravidez<br>precoce – o preço pago pelo descaso da educação..... | 13 |
| 1.3 – Um breve histórico da AIDS.....   | 14 |
| 1.4 – Gravidez precoce: outra consequência da (dês)orientação.....  | 18 |
| <b><u>Capítulo II – A orientação sexual nos conteúdos curriculares</u></b> .....  | 20 |
| <b><u>Capítulo III – Metodologia e Pesquisa</u></b> .....   | 25 |
| <b><u>Considerações Finais</u></b> .....  | 34 |
| <b><u>Anexos</u></b> .....  | 37 |
| <b><u>Bibliografia</u></b> .....  | 50 |

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema bastante complexo, polêmico, e ao mesmo tempo íntimo o bastante, na medida em que está na ordem do dia de crianças, jovens e adultos; pertencentes a quaisquer níveis culturais, sociais e econômicos, vivendo nas mais diversificadas regiões e épocas históricas.

A sexualidade se manifesta desde o momento do nascimento da pessoa até o fim de sua vida; de diferentes formas, sendo construída e marcada cultural e historicamente, como também pelos sentimentos.

Portanto, falar de sexualidade, nos remete, necessariamente, à questão dos valores. Nesse sentido, o estudo da sexualidade exige que recorramos às áreas de educação, psicologia, antropologia, história, sociologia, biologia, medicina, entre outras.

A sociologia possui uma importante função nesse processo, pois ela deve se comprometer com a causa como qualquer outra ciência com preocupações sociais; o seu conhecimento abrangente e correlativo sobre os fatos sociais deve contribuir de forma eficaz na análise dos fatores que se relacionam direta ou indiretamente com a sexualidade, e dessa forma, deve contribuir nas ações preventivas de combate a situações de grande risco social e até mesmo na vida, no trato da sexualidade.

A referência a questões relacionadas à sexualidade requer, antes de tudo, uma distinção clara entre o termo sexo e o termo sexualidade. A Sexologia na sua concepção essencialista, descrevia o sexo como um instinto natural, que exercia influência sobre o sentimento, o pensamento e a ação do homem nas suas relações sociais com outros homens (LOURO, 1999, p. 40). Compreendemos ser a sexualidade uma invenção histórica seguindo o princípio do construcionismo social, ou seja, a sexualidade é referida como o conjunto de crenças, comportamentos, relações e identidades construídas social e historicamente (idem, p. 43). O sexo é a expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), e a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é uma expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. “ Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. (citação do PCN: 1998, p. 295 )

A discussão acerca da sexualidade colabora para a integração do conhecimento, vivências e emoções dos adolescentes. No entanto, a ausência dessa discussão no cotidiano da família e da escola, como instituições primeiras e principais onde se formam e se define grande parte dos nossos valores, pode repercutir em problemas graves como a ocorrência de gravidez não planejada em adolescentes, o abuso sexual, a contaminação de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e AIDS.

A temática da sexualidade deve ser incluída no currículo das escolas de ensino fundamental e médio. A orientação sexual é hoje exigida pelo MEC na prática pedagógica. O educador deve assumir o papel de interlocutor na problemática da sexualidade. De acordo com os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais a orientação sexual nas escolas deve ser entendida como um meio de problematizar e levantar questionamentos, ampliando o leque de conhecimentos e opções para que o próprio adolescente escolha o seu caminho. O que os PCNs propõem é uma orientação sexual não diretiva, cabendo a escola abordar os diversos pontos de vistas, valores e crenças presentes na sociedade e que são inicialmente transmitidos no seio familiar.

O trabalho de orientação sexual “constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais de educação”. (PCN, volume 10). Mas sua aplicação não é tão simples – o professor deve ter acesso à formação específica para tratar da sexualidade com seus alunos, pois este transmite em suas aulas, valores com relação à sexualidade na forma de responder ou não as questões elaboradas pelos alunos. Essa formação diz respeito à participação dos educadores nos cursos de treinamento para a realização desse trabalho de orientação, os quais são oferecidos tanto pelo Município, quanto pelo Estado.

Por outro lado, a problemática da orientação sexual nos remete a outras preocupações sociais, estruturais, culturais, econômicas, entre outras. É impossível nos referir à postura e ao papel da escola pública em assumir a responsabilidade da orientação sexual, sem refletir e discutirmos a estrutura física e pedagógica da escola, como também do salário que é pago aos seus professores, das condições precárias de ensino. De outro lado, temos que considerar o padrão de vida dos seus alunos, da sua qualidade de vida, da carência de informações, ou seja, da precariedade de condições de vida das camadas menos favorecidas da sociedade.

Com base nessas reflexões e indagações, este trabalho monográfico foi sendo elaborado. A principal questão que se impõe é a seguinte: de que forma as escolas

públicas estão se estruturando para trabalhar a orientação sexual. No currículo pedagógico?

Nosso trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro procuramos definir o conceito de adolescência, abordando o seu contexto biológico, histórico e social, além de elaborarmos um breve histórico da sexualidade e da AIDS e falarmos um pouco sobre as consequências da falta de orientação sexual dos adolescentes, como o risco de contágio por alguma DST ou a ocorrência de uma gravidez precoce; no segundo capítulo discutimos a questão da necessidade da orientação sexual nos conteúdos curriculares, bem como a exigência da mesma pelo MEC; no último capítulo relatamos a nossa metodologia e pesquisa, e por fim levantamos nossas considerações finais a partir dos resultados obtidos no trabalho de campo.

Em suma, este trabalho procura contribuir com o social fortalecendo as iniciativas de ação e prevenção propostas pelo MEC nos PCNs, mais especificamente a orientação sexual como meio de formar e informar os adolescentes sobre a sexualidade.

## • Justificativa

O que me levou, particularmente, a estudar essa temática foi, inicialmente a minha participação em um Projeto de Extensão da UFPB, no qual tive acesso a várias informações sobre a epidemia do HIV e os diferentes meios de prevenção, entre eles a orientação sexual. O Projeto de Extensão do qual participei, como colaboradora extencionista, era intitulado “AIDS: Uma Problemática Social” que se iniciou no ano de 1998 e procurava enfatizar a problemática da AIDS como sendo de responsabilidade de toda a sociedade. O Projeto tinha parceria com o Grupo de Apoio à Vida (GAV) e consistia na busca de outras parcerias com diversos órgãos/setores da sociedade, através de palestras, reuniões, debates, disseminando os riscos de contaminação do HIV/AIDS e divulgando os meios de prevenção. Minha participação no referido projeto iniciou-se no ano de 1999, quando tive a oportunidade de apresentar um trabalho na III Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do CH na UFPB-Campus II, intitulado “AIDS e Mulher”.

No ano seguinte passei a ser bolsista e o Projeto sofreu algumas modificações, começando pelo título: “AIDS: Uma Problemática Social – Um Trabalho

de Orientação Sexual e Prevenção”. Neste ano, o projeto de extensão tinha direcionado mais sua atenção para a orientação sexual de forma mais ampla. Continuamos em parceria com o GAV – quando participamos do projeto que tratava da formação de agentes multiplicadores em presídios, escolas e SABs (Sociedade dos Amigos do Bairro), financiado pelo Ministério da Saúde. Neste segundo momento nos prendemos mais a realização de palestras que ocorreram em 27 escolas da rede pública e privada de Campina Grande, com o nosso público alvo: Adolescente do ensino fundamental.

Em seguida formamos parceria com a Secretaria de Educação do Município, quando preparamos um curso de capacitação e treinamento realizado para os técnicos das escolas públicas todas as sextas-feiras no Centro de Tecnologia e Educação (CTE), Antigo Museu Vivo da Ciência, no qual nos reuníamos com professoras da rede municipal para uma troca de conhecimentos sobre a necessidade e o trabalho de orientação sexual com os alunos do quarto subprojeto (antiga quarta série do primeiro grau), onde realizamos oficinas nas escolas, as quais eram programadas e divididas em três blocos: a) Corpo: Matriz da Sexualidade, b) Relação de Gênero e c) Prevenção das DSTs/AIDS, sendo que os professores das turmas contempladas (quarto subprojeto), permaneciam em sala com o propósito de darem continuidade ao trabalho como agentes multiplicadores. Também tivemos a Participação dos cursos de Psicologia e Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Posteriormente me matriculei na disciplina Complemento da prática de ensino II, quando tive oportunidade de ler e discutir uma bibliografia mais específica referente à temática da sexualidade. Paralelamente foram realizadas visitas a instituições que atendem portadores de HIV, como o Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), ao Atendimento Domiciliar Terapêutico (ADT), finalizando a disciplina ministrando uma aula sobre um tema ligado a orientação sexual, em uma escola da rede pública do município de Esperança – PB.

## •Objetivos

Além de procurarmos perceber o nível de compreensão dos adolescentes face aos riscos de contaminação por DSTs e ao surgimento de uma gravidez não planejada, averiguar sobre a aplicação desta temática no currículo escolar e incentivar os professores e técnicos a utilizarem uma prática pedagógica que levem em consideração as diferentes realidades e valores dos seus alunos. Para esse objetivo ser alcançado realizamos estudos referentes à temática; além do trabalho de campo com a utilização de entrevistas, questionários, entre outros métodos.

## Capítulo I

### JOVENS – AS VÍTIMAS DA (DES)ORIENTAÇÃO SEXUAL

A adolescência não é apenas um processo biológico, mas compreende aspectos psico-sociais e culturais. Esse período se inicia aproximadamente entre 11 e 12 anos de idade, quando são percebidas algumas mudanças físicas e também psicológicas nos indivíduos; tais mudanças evidenciam o que chamamos de puberdade, que ocorre a partir da ativação do hipotálamo – “uma parte do sistema nervoso onde há centros que controlam as emoções, como a raiva e o desejo sexual”. (RIBEIRO: 1999, p. 79). A puberdade apresenta sinais físicos no corpo do homem, como o aumento dos testículos e o alongamento e descida do saco escrotal, aparecimento dos pêlos na região pubiana como também em outras partes do corpo; e na mulher como a aumento dos seios, aparecimento dos pêlos pubianos e crescimento acelerado. Nessa fase, surgem também diferenças, quando as meninas são concebidas como mais sensíveis e os meninos como mais agressivos.

A adolescência é portanto, um período de transição em que o indivíduo nem é considerado criança, nem adulto; também definida como um “processo de desenvolvimento e maturação sexual, palpável na aparição de novas sensações genitais, visível na irrupção das marcas anatômicas e fisiológicas distintivas desse corpo sexuado que esta adotando seus caracteres definitivos”. (RIBEIRO: 1999, p. 94).

Ao analisarmos o contexto histórico da adolescência, perceberemos que a mesma passou de uma época em que essa fase era inexistente (século XV) à outra em que ela era esperada com ansiedade. De acordo com Philip Áries, a partir do século XVII a juventude foi vista como depositária de novos valores, os quais eram capazes de reavivar uma sociedade velha – a adolescência era então entendida como um sinal de pureza, força física, de espontaneidade e da alegria de viver. Ela passou a ser esperada com ansiedade por todos e percebida como uma fase de se viver às aventuras da vida.

Contudo, a palavra adolescência reflete uma idéia de complexidade na sua abordagem. O que é bastante lógico após termos tratado de todas essas mudanças sofridas na adolescência, é que para o adolescente, crescer é algo muito angustiante, logo crescer implica a perda da infância e todos os seus benefícios implícitos nessa



Iolanda Huzak



condição, além de representar um processo de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos.

## • Um Breve Histórico Da Sexualidade

É no período adolescente que o indivíduo começa a construir sua identidade sexual, a qual direciona o jovem para o mundo adulto. Nessa construção, a sexualidade ocupa um papel estrutural. Para Michel Foucault “a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo”. (LOURO:1999, p. 51). A sexualidade percebida por uma visão biológica encontra-se relacionada ao processo de diferenciação, a qual atua em níveis de organização cromossômica, gonádica, genital, cerebral, comportamental e psicológica. Porém, do ponto de vista foucaultiano a sexualidade é vista como uma forma de controle social, ligando-se a relações de poder e classe social.

Segundo o princípio do construcionismo/construtivismo (pressuposto simbólico do sexo, que argumenta que as atitudes em relação ao corpo e a sexualidade em seu contexto histórico específico, só podem ser compreendidos se explorarmos as condições historicamente variáveis que dão origem a importância atribuída a sexualidade em um momento particular e apreendendo as diversas relações de poder que modelam o que vem a ser concebido como comportamento normal ou anormal), a sexualidade é construída historicamente. Recorremos a análise de Araújo (RIBEIRO:1999, p.35 ) para demonstramos, sinteticamente, o quadro histórico da inserção das normas sexuais.

Na pré-história, período no qual os indivíduos encontravam-se organizados em grupo, o sexo era percebido como norma de convivência. Com o surgimento da cultura o homem descobriu que podia modificar e transformar a natureza; iniciou-se assim o sedentarismo e com ele a organização social regida por normas e regras, como por exemplo a exigência da regulamentação das práticas sexuais. O sexo passou a partir desse momento, a ter uma definição biológica e outra cultural.

Na antiguidade percebemos que na Grécia a sexualidade era tida como parte integrante dos feitos realizados pelos Deuses, os quais eram vistos como super-heróis. Para o povo grego um belo corpo teria um espírito nobre, existindo harmonia e simetria em todas as coisas materiais e morais. Na antiguidade grega a virgindade não

era valorizada por razões morais, mas apenas como uma forma de aumentar o valor de nubildade da noiva.

Os romanos possuíam traços culturais bem parecidos com os da civilização grega, como por exemplo a assimilação da metodologia e Deuses gregos. Mas as questões morais se diferenciavam um pouco, pois ao contrário dos gregos os romanos valorizavam a virgindade por razões morais. Em Roma existiam três tipos de casamento que se diferenciavam por classes sociais. O *confarreativo* entre as elites; o *coemptio* entre a plebe e o *usus* que seria uma espécie de parceria que só se tornaria legal após um ano de convivência.

Entre os hebreus existia um código religioso e moral, no qual o sexo só era aceito e permitido para fins procriativos. Ao contrário dos gregos e romanos, os hebreus condenavam a prostituição e a infidelidade.

Já o Cristianismo era caracterizado pela repressão à sexualidade e a valorização da virgindade e castidade. Nesse período da história valorizava-se o amor não sexual, sendo o sexo concebido apenas para a procriação; se praticado com outra finalidade, o mesmo era tido como pecado carnal.

Na Idade Média a influência da Igreja no social era muito forte. Esse período foi também muito marcado pela repressão sexual.

No Renascimento os indivíduos passaram a pensar em si mesmos, nos seus desejos, percepções e impulsos. Houve a partir do século XIV o declínio da espiritualidade e ocorre uma forte liberação sexual, com a presença de bordéis autorizados pela Igreja e inúmeros registros na sociedade de filhos ilegítimos de religiosos. Foi por causa do aparecimento da “sífilis” (considerada por muitos conservadores como um castigo de Deus para punir a promiscuidade) que um novo movimento repressor surgiu na sociedade.

Com o aburguesamento da sociedade (proveniente da intensificação do mercado) no século XVI, percebemos o movimento de repressão sexual de uma forma bastante marcante. Nessa nova classe social burguesa existiram grandes mudanças sociais e morais, como a aceitação do sexo – desde que seja no domínio privado da existência –, o aparecimento da intimidade, a separação do moral do religioso e a educação como forma de repressão sexual. Nesse momento da história o espaço da casa tinha passado por transformações, como a divisão dos cômodos e a separação dos quartos.

Na sociedade dualista de sistema patriarcal, a sexualidade era percebida como um fenômeno biológico e individual. O dualismo fundia a identidade de gênero com a identidade sexual num modelo binário, no qual prevalecia uma “dupla moral” sexual: o homem possuidor de uma sexualidade ativa e independente de relações afetivas ou reprodutivas e a mulher detentora de uma sexualidade passiva, emotiva e reprodutiva. No sistema patriarcal a sexualidade feminina era confirmada na honra da família e do homem, e este sistema construía a identidade masculina com base na regulação da sexualidade feminina. A Socióloga Karen Giffen procurou mostrar em seus estudos sobre gênero e sexualidade, que a partir do ressurgimento do Movimento Feminista na década de 1960 os estudos acadêmicos referentes a condição e a identidade feminina revelaram que a ciência dualista (re)criava as diferenças de gênero, reforçando o poder masculino em todos os âmbitos sociais. Com isso, a autora ressalta que as novas análises científicas reformularam o conceito de sexualidade e fizeram com que o conceito de gênero passasse por algumas transformações, no que tange a sua definição de origem. Na nova concepção não dualista o biológico não mais determina o social, nem tão pouco passa a ser desconsiderado. A sexualidade passa a ser denominada como um fenômeno relacional – “em vez de um fenômeno natural, biológico e individual, dá-se ênfase à relação e ao aprendizado” (Giffen; in: o prazer e o pensar, p. 178).

## **• Comportamento Sexual Na Adolescência: Hiv/Aids E Gravidez Precoce – O Preço Pago Pelo Descaso Da Educação.**

A partir de agora, daremos um salto para o século XX no qual o comportamento sexual encontrava-se mais liberto de preconceitos e o sexo desvinculou-se de vez dos fins procriativos – pelo menos para a maioria da população. Nesse século, mais especificamente nos anos 70, os debates sobre sexo ganharam espaços nos meios de comunicação, e com o surgimento da AIDS (início da década de 80) surge a necessidade de se integrar a temática sexualidade nos conteúdos curriculares e no diálogo familiar.

Hoje, percebemos que os nossos jovens convivem bem mais integrados com a sexualidade. O jovem do ano 2000 está iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo - é o que revela as reportagens da revista Veja dos anos de 2000 e 2002, nas quais

se discutem a liberdade e ousadia dos adolescentes dos dias atuais. Tais reportagens debatem como os pais estão lidando com a iniciação sexual dos filhos adolescentes; além de informar alguns dados sobre virgindade, fidelidade, falta de compromisso, entre outros temas.

Juliana DeMari inicia sua reportagem “Os pais estão confusos” (Veja 2000), mencionando que os pais que fizeram parte da geração que fez a Revolução Sexual nos anos 70 estão pasmos com a precocidade da vida amorosa e sexual de seus filhos; alertando que são poucos os pais que sabem lidar com a primeira vez dos adolescentes.

De acordo com a Secretaria de Saúde e do Estado de São Paulo SP/OMS e SBRASH, a “primeira relação costuma acontecer aos 15 anos para as meninas e 17 para os meninos. Um ano mais cedo que os jovens dos anos 80” (hoje as idades são bem mais precoces; variando conforme a região). E o mais interessante é que o lugar preferido pelos adolescentes para a iniciação sexual tem sido o próprio quarto, deixando de lado os refúgios das gerações passadas como automóveis e motéis.

Essa “liberação sexual” em que se encontram os jovens de hoje revela algo assustador – a vulnerabilidade da maioria deles em relação a uma gravidez não planejada ou ao contágio de algumas DST como por exemplo a AIDS. A reportagem de Juliana De Mari mostra ainda que ocorre entre a maior parte dos jovens o “vacilo inicial”, logo “apenas 30% dos jovens usam algum tipo de anticoncepcional na primeira vez, embora 90% conheçam bem os métodos. Um em cada dez pensa que não se engravida na primeira transa” (Secretaria de Saúde SP/OMS). Isso tudo acontece apesar de todo acesso a informações sobre métodos de proteção que pelo menos a classe média desfruta.

## • Um Breve Histórico Da AIDS

Foi no início da década de 80 que nos Estados Unidos, surgiram os primeiros casos de AIDS, (Síndrome da Imunodeficiência Humana) da uma doença desconhecida que atacava o sistema imunológico do organismo humano, ou seja, uma doença que enfraquecia as defesas naturais do corpo. Após vários estudos, os cientistas descobriram que essa desconhecida doença era provocada por um vírus (um microorganismo) parasita, o qual destruía as defesas do corpo, ou melhor dizendo, este vírus afetava o

sistema imunológico. Esse sistema é composto por células CD4 do sangue, as quais são responsáveis pela proteção do corpo contra as infecções. As células CD4 também são responsáveis por “instruir” outras células a dar início à resposta do sistema imune contra os micróbios. Este vírus foi chamado HIV( Vírus da Imunodeficiência Humana), ele possui características muito particulares; os vírus são pedacinhos de matéria que só se multiplicam quando se “colam” às células. Uma vez no corpo de uma pessoa, o HIV pode ficar muito tempo sem se manifestar, sendo sua infecção chamada de “lenta” (CADERNOS PELA VIDA). O que é claro em todos os estudos sobre o HIV, é que embora ele “cole” e entre em diversas células, sua preferência para moradia e multiplicação são as células “mensageiras” do sistema imunológico. Ele destrói as células CD4, enfraquecendo a capacidade do organismo de ativar seu sistema de defesa, fazendo com que a pessoa portadora se torne vulnerável às doenças oportunistas<sup>1</sup>.

O HIV foi encontrado em vários líquidos do corpo (saliva, lágrima, etc), mas em baixíssimas concentrações, não existindo até hoje casos de contaminação por meio de algum desses líquidos. A infecção pelo HIV possui três vias comprovadas, sempre quando há troca de fluidos corporais com grande concentração viral: através do sangue contaminado, por meio de uma relação sexual desprotegida e pela maternidade (gravidez, parto e amamentação com a mãe infectada). Em alguns casos o HIV passa de oito à dez anos para se manifestar no organismo, sendo o teste de HIV positivo visto hoje por outra visão, dada a diversidade de respostas variantes para cada organismo, e não apenas como uma sentença de morte. Este vírus possui quatro estágios de diferentes manifestações, sendo que nem sempre eles ocorrem na mesma seqüência ou forma identificadas no decorrer dos estudos realizados sobre as manifestações clínicas da infecção.

Logo após a primeira infecção o vírus começa a se multiplicar, não permanecendo latente ou adormecido por algum tempo, como se pensou anteriormente; esse período é conhecido como sendo o primeiro estágio do HIV, ou infecção aguda. Nesse período o portador pode ter um teste negativo para anticorpos do HIV, podendo transmiti-lo para outra pessoa se não tomar cuidado. O segundo estágio do HIV é a fase da soroconversão (o organismo está respondendo ao HIV e produzindo anticorpos); a partir deste momento o teste detectará o vírus. Por não ocorrer a manifestação de sintomas da infecção, o portador é classificado como portador assintomático. O terceiro

---

<sup>1</sup> Doenças que atacam o organismo devido a baixa taxa de células CD4. elas podem ser causadas por

estágio do HIV é conhecido como complexo relacionado à AIDS (ARC), ele é caracterizado pela presença da infecção sintomática do HIV. O quarto estágio do HIV foi denominado de AIDS, este estágio é considerado uma combinação de sintomas e/ou doenças associadas à infecção do HIV, devido ao baixo número de células CD4 no organismo (idem).

A AIDS é uma síndrome por apresentar um conjunto de doenças que aparecem juntas. A falha no sistema de defesa do organismo se chama imunodeficiência; com o sistema imunológico em falha, as infecções se tornam muito mais graves do que normalmente são e ao se aproveitarem dessas falhas, as doenças são chamadas “doenças oportunistas”. Os primeiros casos de AIDS foram detectados em homossexuais masculinos, incentivando com isso que à população acreditasse ser a AIDS uma doença exposta a apenas a esse grupo, o qual foi denominado de “Grupo de Risco” e a AIDS de “Câncer Rosa”, pois um de seus mais frequentes sintomas era o Sarcoma de Kaposi (um tipo de câncer). Mas foram registrados casos de AIDS em Hemofílicos e usuários de drogas e ao decorrer do tempo entre homens e mulheres, com isso o termo “Grupo de Risco” foi substituído pelo termo “Comportamento de Risco”, onde toda a sociedade está vulnerável a essa doença, dependendo de seus comportamentos.

No Brasil o aparecimento da AIDS coincidiu com o fim de 20 anos de Ditadura Militar e com o início do Movimento de Liberação Sexual (anos 70), o qual defendia os direitos de homossexuais e a liberação de todas as formas de expressão da sexualidade.

A AIDS surgiu nos anos 80, sendo que o primeiro caso a ser registrado no país só veio a acontecer em 1982. Uma de suas consequências iniciais e mais fortes foi o preconceito, “o descaso para com os doentes, por serem pessoas que ousavam manter práticas sexuais tidas como condenáveis” (PINEL e INGLESÍ : 1996, p. 23).

O preconceito estava presente até mesmo entre os profissionais da área de saúde, como também por parte da família e dos amigos. O Elisa só chegou ao Brasil em 1987, o que permitiu a criação do Centro de Orientação e Sorologia Anônima (COAS) no Estado de SP, o qual visava “quebrar a cadeia de transmissão do HIV por intermédio do diagnóstico precoce” (idem, p.32). No ano seguinte surgiu a primeira campanha educativa do Brasil (nesse mesmo estado), com o título: “AIDS – Transmita a

informação”. Nos anos posteriores foram concebidos aos portadores do HIV direitos trabalhistas e sociais (pensão especial, auxílio doença, aposentadoria, retirada integral do FGTS); além de vim a tona o trabalho das ONGs com as Campanhas de Prevenção e Assistência as pessoas infectadas, como o GAV aqui em Campina Grande.

Brasil 50,5% das pessoas contaminadas pelo HIV já morreram, totalizando 103.262 casos de AIDS desde o ano de 1980. “Em países como o Brasil, com a maior parte de sua historia sob regimes totalitários, e onde a maioria da população vive em níveis muito graves de pobreza, o esforço individual pode muito pouco contra uma vulnerabilidade que e social”(PAIVA, in:Sexualidades Brasileiras: 1996, p 228).

A AIDS muda totalmente a vida das pessoas; além de causar inúmeras mudanças no comportamento dos portadores, ela também acarreta uma enorme mudança no cotidiano da vida social e afetiva das pessoas em geral, pois ela, tanto atinge as pessoas contaminadas como também as pessoas envolvidas com a doença. São mudanças físicas (provocadas pela manifestação de doenças oportunistas e pelos medicamentos) e conseqüências psicológicas ou afetivas. O apoio psicológico é imprescindível no tratamento dessa epidemia, principalmente no momento da descoberta do vírus. Alguns anos atrás, este apoio psicológico ao portador era inexistente, aumentando as dificuldades para o tratamento; hoje existe várias instituições solidárias à AIDS, as quais prestam este trabalho gratuitamente – auxiliando tanto as pessoas soropositivas, quanto aos seus familiares e amigos, pois é muito importante no tratamento da AIDS a presença e o auxílio das pessoas queridas. Os não portadores estão também convivendo de uma certa forma com o HIV/AIDS, muitos deles representam um grupo de luta conta o preconceito presente na epidemia.

De acordo com o Psicólogo e Educador Antonio Carlos Egypto “nas aulas de orientação sexual, a AIDS passa naturalmente pela discussão da sexualidade e está presente o tempo todo em todos os temas escolhidos pelos jovens, vinculando-se ao prazer e a vida” (RIBEIRO: 1999, p. 306). A AIDS é um tema transversal que pode ser vinculado sem muitas dificuldades a todas as disciplinas escolares; pois a mesma se encontra como um fato da atualidade, estando presente na educação da Ciência, das normas e valores comportamentais, no jornalismo, na Arte e em toda vida cotidiana das pessoas. Egypto ressalta ainda que a AIDS diz respeito a tudo e a todos e que se a escola resolver incorpora-la em seus conteúdos curriculares deverá realizar um trabalho

contínuo e planejado com professores capacitados e supervisionados para essa ação pedagógica

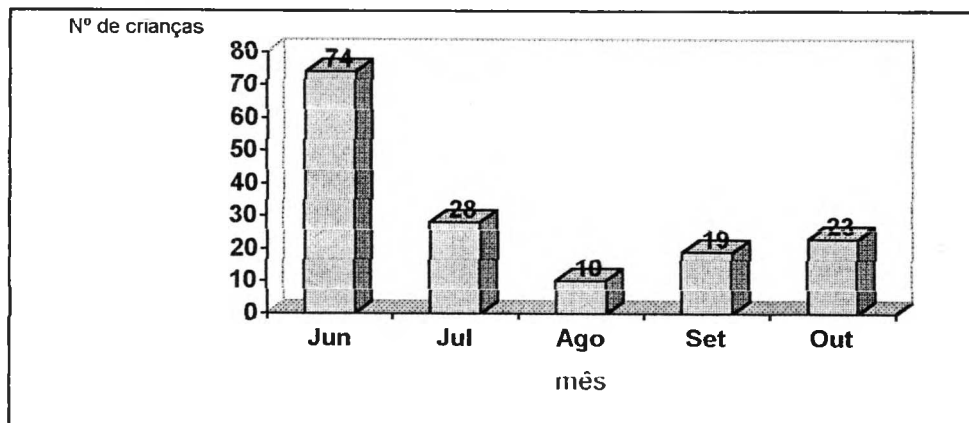
### • Gravidez Precoce: Outra Conseqüência Da (Des) Orientação

Se fizermos um retrospecto familiar, perceberemos que até das ou três gerações passadas, os casamentos e conseqüentemente as gestações ocorriam entre os 15 e 16 anos de idade; o que torna esse fato diferente nos dias de hoje, é que essas gestações indesejadas (que sempre existiram) não ocorriam com tanta freqüência como acontece nos dias de hoje.

Nos hospitais brasileiros que atendem pessoas de níveis sócio-econômicos mais baixos, estima-se que 20% do total dos partos são de mães adolescentes (dados publicados pelo ginecologista Nelson Vitiello, Doutor em medicina pela USP). Em nossa cidade – Campina Grande – PB – o número de adolescentes grávidas atendidas pelo PROAMA (Programa de Apoio a Mães Adolescentes) entre os anos de 1990 até o dia 24/07/02 estava estimado em 12.824 adolescentes, isso sem contarmos as adolescentes que não procuram esses serviços.

Os gráficos abaixo mostram o número de crianças nascidas vivas em Campina Grande em freqüência por mês do nascimento entre os anos de 1999 e 2000, com mães de idades entre os 15 a 19 anos.

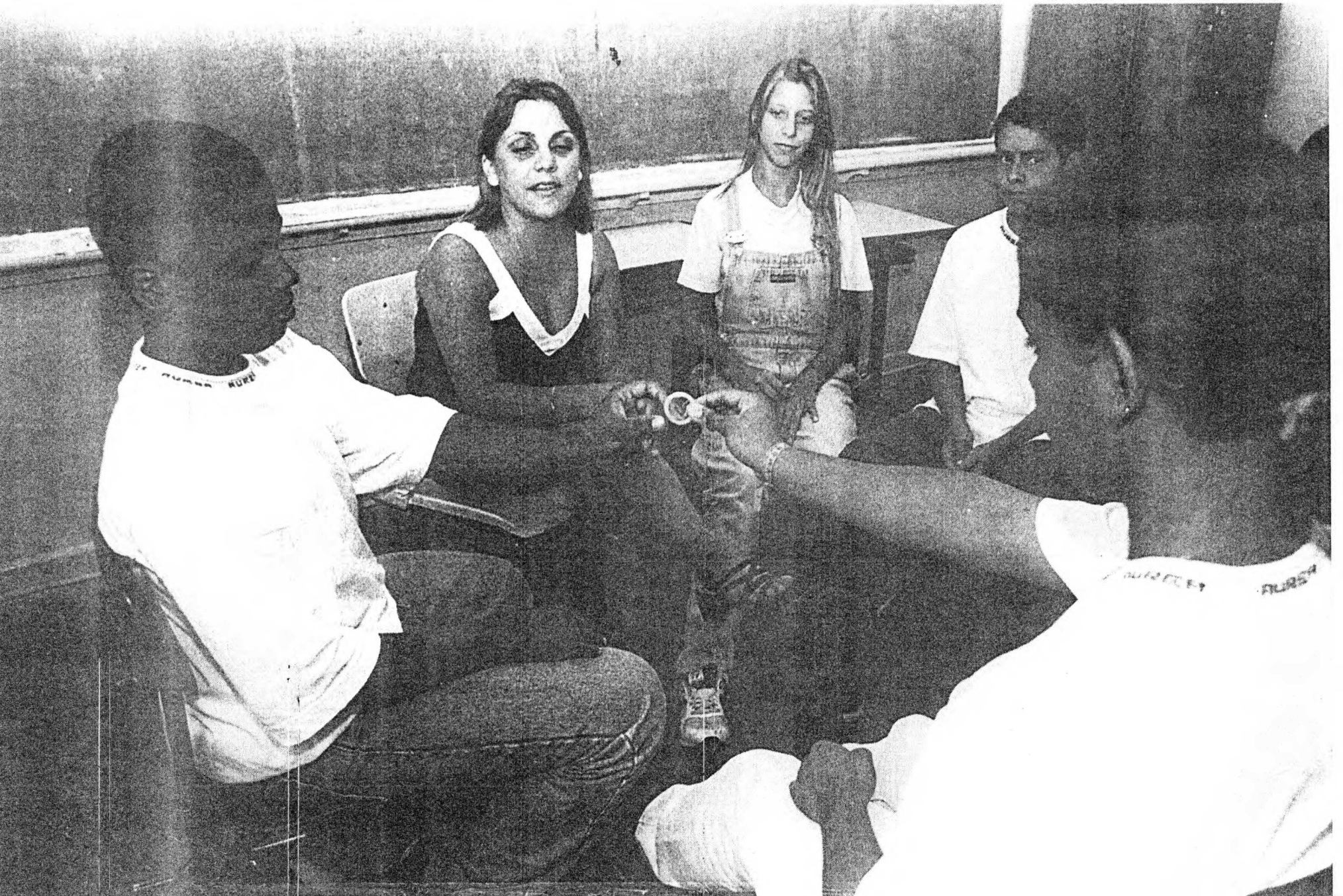
**CRIANÇAS NASCIDAS VIVAS DE MÃES COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 15-19 ANOS DE IDADE. 1999.**



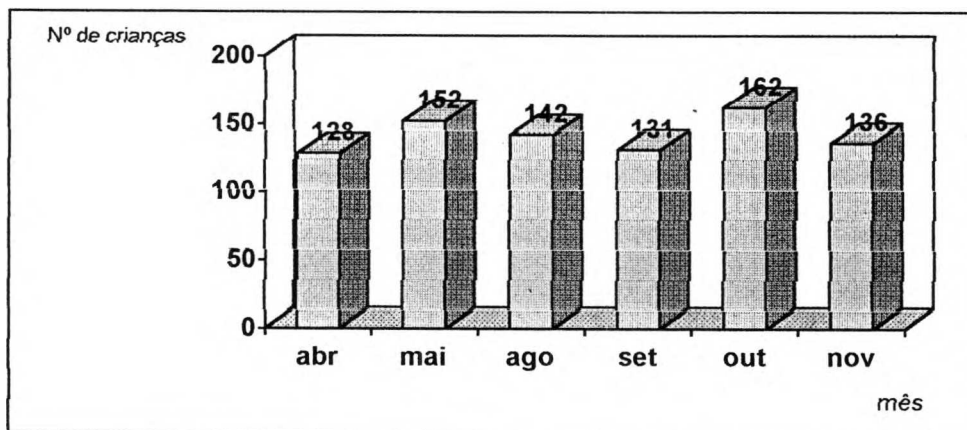
Total: 160

Fonte: Secretaria de Saúde de Campina Grande.





CRIANÇAS NASCIDAS VIVAS DE MÃES COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 15-19 ANOS DE IDADE. 2000.



Total: 1494

Fonte: Secretaria de Saúde de Campina Grande.

Uma das conseqüências da uma gravidez precoce é o abandono dos estudos, fato que será apontado no resultado de nossa pesquisa de campo.

Segundo a jornalista Gabriela Carelli que escreveu a reportagem “O sexo começa cedo e com ousadia” (Veja de 2002), a melhor e mais adequada forma dos pais lidar com toda essa liberação sexual dos filhos adolescentes é o diálogo aberto e sem constrangimentos. À escola cabe o papel de dá continuidade ao aprendizado que o adolescente vem adquirindo desde a infância.



## Capítulo II

### A ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS CONTEÚDOS CURRICULARES

Para falarmos em orientação sexual é necessário mencionarmos, antes de tudo, que a família é o primeiro núcleo onde se forma e se define a educação sexual, através de suas atitudes, de seu comportamento, de suas permissões, como também de suas proibições, etc. Essa educação pode ser percebida na história da família que foi abordada na obra de Bruschiari, Áries e Mendras, os quais estudaram o contexto histórico e social do parentesco ao núcleo familiar.

Genericamente a família é tida “como grupo de indivíduos ligados por elos de sangue (consangüinidade), adoção ou aliança (casamento) socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social”. (BRUSCHINI:1990,P.32). Vários estudiosos do tema consideram a família como um espaço de repressão sexual e de educação autoritária, prendendo-se sobretudo na atuação socializadora desse grupo social. Teóricos da escola de Frankfurt como Adorno e Horkheimer também consideram a família como lugar onde se dá a socialização e forma-se a personalidade dos indivíduos.

Até o final do século XV a idéia mais sugestiva da família medieval entre os ingleses era a falta de afeição pelas crianças; nesse período os pais não conviviam com suas próprias crianças, mas sim faziam uma ‘troca’, enviando as suas crianças a casas alheias para fazerem o serviço doméstico e recebiam crianças estranhas em seu próprio lar; assim as crianças até o século XV eram chamadas de aprendizes. Contudo, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, sendo percebido como uma forma muito comum de educação. “Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir” (ÁRIES:, p 228).

Na idade média a educação era passada por meio da aprendizagem, tendo essa noção um sentido bastante amplo e sendo um hábito difundido em todas as classes sociais. De um modo geral, a transmissão de conhecimentos era passada de uma geração a outra através da participação das crianças na vida dos adultos.



O modelo de família que o Brasil possui é característico da herança européia que colonizou o país e trouxe sua cultura para o nosso país; esse modelo é o patriarcal que se caracterizava pelo controle da sexualidade feminina e regulamentação da procriação. “como descrita por Gilberto Freyre, a família patriarcal era um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, todos abrigados sob o mesmo teto, na casa grande ou na senzala” (BRUSCHIM: 1990, P. 62)

Com o fim do sistema escravocrata e o advento da urbanização causada pelo êxodo rural e o sistema capitalista com a industrialização no fim do séc XVIII e início do séc XIX, a família passa por várias transformações como por exemplo a diminuição do seio familiar( de família extensa a família conjugal), concentrando em suas atribuições específicas de procriação e disciplina no impulso sexual, a participação da mulher na economia(no mercado de trabalho) e a maior intimidade entre pais e filhos, entre outros traços característicos da nova família moderna.

A partir do século XVI, XVII a família assume um novo papel na vida sentimental, principalmente em relação as suas atitudes para com a criança. Foi a partir desse período que a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola, a qual deixou de ser restrita aos clérigos, se tornando o instrumento normal da iniciação social do indivíduo. A escola apareceu para corresponder a uma “necessidade nova de rigor moral por parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para manter-la inocência primitiva, a um desejo de treina-la para melhor resistir as tentações dos adultos” (idem, p.231), também correspondendo a uma preocupação dos pais em vigiar seus filhos mais de perto e de não abandoná-los. Portanto, ao substituir a aprendizagem pela escola, a família pôde se aproximar das crianças, concentrando-se em torno dela.

Nos dias atuais a escola deve assumir o papel de fornecedora da orientação sexual para os adolescentes, pois a juventude de hoje está cada dia mais livre da repressão que antes predominava o ambiente familiar e o social como um todo, além desta instituição representar um lugar onde ocorre a troca de experiência, valores, tendo a obrigação de passar conhecimentos, orientando, informando os adolescentes sobre a sexualidade. A escola deve intermediar o aprendizado de casa com o aprendizado adquirido na rua..

O alastramento da AIDS entre os heterossexuais e agora, principalmente entre os adolescentes, convenceu a todos que a educação e a orientação sexual são necessárias e

urgentes. Mas não no sentido de trabalhar orientação sexual simplesmente através de uma estratégia que esteja focalizada na transmissão de informações e no incentivo a responsabilidade individual, não dando conta das dificuldades materiais e do contexto sexual que expõem as pessoas ao risco da gravidez não planejada ou do HIV. É importante que nos programas de prevenção de gravidez, HIV e outras DSTs, sejam passados algo mais do que apenas as informações sobre sexo seguro e transmissão do vírus da AIDS; e papel fundamental do educador incluir em seu trabalho de orientação uma discussão sobre as condições materiais e sociais que contribuem para o aumento da vulnerabilidade das pessoas, “incentivar a responsabilidade social e a ação coletiva também e tarefa do educador”( PAIVA: in:Sexualidades Brasileiras: 1996, p. 215)

A educação sexual tornou-se um movimento higienista, “o lugar para trabalhar sobre os corpos das crianças, dos adolescentes e das professoras”(LOURO: 1999, p. 95). Louro propõe um currículo que possa recusar os fundamentos do Eugénismo (modelo baseado na idéia de informações ) e da higiene social; este modelo de educação social exige que os professores estejam dispostos a estudar a postura de suas escolas, percebendo como estas podem impedir ou tornar possíveis diálogos entre eles, outros professores e os alunos; além de terem de fazer com que seu conteúdo ative a curiosidade dos educandos, melhorando a relação entre ambos. Devem estar incertos de suas explorações, explorando a extensão e os sintomas de sua ansiedade.

Segundo LOURO o ponto de partida para a realização de um trabalho de orientação sexual que vá de acordo com a proposta do MEC, “é uma conversa e uma produção generosa de uma sociabilidade que se recusa a se justificar através do consolo da fixação de um lugar próprio”. (LOURO: 1996, p. 109). É preciso existir uma curiosidade por parte dos educadores sobre suas próprias conceptualizações sobre o sexo, isso os tornará mais abertos para a exploração e curiosidade dos estudantes.

Louro levantou várias questões a respeito da integração da sexualidade nos conteúdos curriculares das escolas. Em sua análise, ela procurou discutir as relações entre curiosidade/liberdade/sexualidade, apontando alguns obstáculos enfrentados pelo trabalho de orientação sexual nas escolas, como por exemplo as dificuldades em se falar em sexo, os problemas nas estruturas das escolas e nas mentes dos educadores. A referida autora tomou os estudos de Roberto Bastien como apoio, para sua análise as quais vão contra o sistema bancário de educação. Este autor realizou sua pesquisa no ensino médio, a qual revelou que mesmo nas aulas em que se toca em questões como sexualidade, a forma como essa ocorre impede a compreensão e o alcance das

possibilidades da sexualidade humana; logo não existe uma profunda interação entre o educador e o educando, sendo este último preparado apenas para dá respostas programadas para as perguntas feitas pelo professor, e também tomou como base a pesquisa de Janice Irving que enfatizou um modelo preventivo de educação sexual. Em seu livro “culturas sexuais e culturas de adolescentes”, ela cita que alguns autores ressaltam a necessidade de se analisar tanto os adolescentes quanto a cultura como construções sociais.

Contudo, “o trabalho de orientação e educação sexual deve ser encaminhado para além de informações pertinentes, atualizadas e destituídas de preconceito, mas que favoreça ao adolescente a vivência de uma sexualidade plena, prazerosa e responsável” (RIBEIRO: 1999, p. 91). De acordo com a professora Elidia, colaboradora da nossa pesquisa , é preciso diferenciar a Educação Sexual da Orientação Sexual.

*“Bem, o que eu entendo, né, como orientação sexual é diferente de educação sexual; porque a educação sexual se dá na família, né, onde os pais, né, até pelos seus exemplos, ele passa para os filhos a educação sexual, né, é como a educação religiosa \_ não se ensina religião, né, se dá orientação. Enquanto que a escola ela tem (...) eu considero a escola com o papel fundamental pra trabalhar a orientação, ou seja, discutir com eles, o que, que pra ele, o que que é valor? né, o que ele já tem como educação sexual, se ele considera correto, se ele considera incorreto, se ele considera que deve mudar ou não. Então pra mim a orientação sexual é a informação que ele deve ter a respeito do corpo dele, como funciona, as mudanças que ocorrem no corpo dele, da puberdade, da criança, do adulto, né. Quando acontece, é, uma gravidez indesejada \_ como é que esse adolescente se comporta? Né; como é que a sociedade vai vê ele? Né; como ele tem que enfrentar, né, esses conflitos, esses desafios, é, como é que ele vai vivenciar tudo isso? Então a escola deve dá um suporte de reflexão pra esse adolescente”.*

A sexualidade existente no ambiente escolar não se prende apenas as pichações de portas de banheiros e carteiras, mas está presente nas atitudes dos alunos em sala de aula e na convivência social. “Com a inclusão da orientação sexual nas escolas, a discussão de questões polemicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o ‘ficar’ e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribuiu para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivencia de sua sexualidade atual e futura”. (PCNs: vol 10, p. 293)





Iolanda Huzak

### Capítulo III

#### METODOLOGIA E PESQUISA

A metodologia a ser utilizada neste trabalho compreendeu primeiramente uma pesquisa bibliográfica, cuja finalidade maior era apreender análises variadas de autores de diversas áreas de pesquisa – Educadores, Psicólogos, Sociólogos e de outras áreas afins com a temática – que trabalharam noções como adolescência, sexualidade entre outras. Posteriormente, nossa metodologia se voltou para o trabalho de campo, especificamente em três escolas de ensino fundamental da rede pública do estado do bairro das Malvinas.

Iniciamos nossa pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental Alceu do Amoroso Lima, mas nossa investigação não pode ser realizada, devido a mudanças que estavam acontecendo no sistema da escola (pelo menos foi o que alegou a diretora Maria de Lurdes do turno da tarde); a mesma explicação foi dada pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade. Com isso, restou-nos realizar o nosso trabalho nas escolas: Estadual de Ensino Fundamental Dom Luiz Gonzaga; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Virginius da Gama e Melo.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Luis Gonzaga Fernandes foi a primeira a ser trabalhada, na qual funcionam 5 turmas da 7ª série, sendo apenas uma no turno da tarde. O Procedimento e/ou andamento da pesquisa seguiu uma seqüência padronizada para todo o trabalho de campo, ou seja, para ser utilizado com toda a nossa amostra. Iniciamos a investigação sobre a nossa temática. Tivemos uma conversa informal com o diretor adjunto da escola, senhor Josenaldo, o qual respondeu a perguntas<sup>2</sup> referentes a nossa temática e a escola como um todo. De acordo com o senhor Josenaldo o comportamento geral dos adolescentes das 7ª séries é considerado normal e as questões sexuais não estão muito presentes no ambiente escolar por causa de uma forte fiscalização realizada pela direção, funcionários e professores da escola. Mas, esse pronunciamento do diretor adjunto, não foi claramente comprovado, pois percebemos que os alunos se alteram simplesmente por aparecer uma pessoa mais

---

<sup>2</sup> Ver em anexos.

jovem e do sexo feminino (porque os meninos se exaltam com mais facilidade e menos inibição) em sua sala de aula; e segundo o depoimento da professora Elidia:

*“Bem, recentemente eu estou aqui no Dom Luís. Em relação a orientação sexual aqui na escola, o que eu percebi é que não existe ainda esse trabalho implantado; pelo ao menos na minha observação, né, é, que eu estou fazendo, não tem nenhum trabalho, nenhum projeto que direcione o professor à trabalhar com a orientação sexual. Nem na primeira fase e nem na segunda fase do ensino fundamental. A grande preocupação que eu percebo aqui no professor é trabalhar o conteúdo programático, certo; não tem essa preocupação. Eu acho que é, assim, uma - como se diz? - é uma perda muito grande pra o aluno, mesmo porque agente sabe que a sociedade a cada dia está estimulando muito essa questão da, da sexualidade, né, seja na roupa, seja na dança ou seja na música, né, e que nós temos um, um número enorme de pré-adolescentes, né, e adolescentes, né, que precisa, eu acredito, que precisa ser feito um trabalho como esse. Mas infelizmente ainda não houve esse despertar dos professores para se engajar num trabalho com esse.*

Ao perguntarmos ao diretor se a escola está ou não trabalhando os PCNs, ele nos informou que semestralmente os professores se reúnem para fazer um planejamento, mas não soube nos dizer com precisão se neste planejamento os temas transversais e a interdisciplinidade são discutidos. No que tange ao trabalho de orientação sexual na escola, percebemos através da aplicação de questionários<sup>3</sup> (com questões fechadas e abertas) com os alunos que a única disciplina a trabalhar essa temática é Ciências, e isso porque o conteúdo desta matéria compreende o estudo do corpo humano.

Conversamos com a professora Elidia que trabalhou a orientação sexual em sua disciplina – português – na escola onde trabalhava anteriormente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz. A

---

<sup>3</sup> Ver modelo em anexos

partir dessa conversa que tivemos, marcamos um novo encontro, no qual a mesma iria contribuir com nossa pesquisa nos dando o seu depoimento<sup>4</sup>. Aplicamos os questionários com os alunos da 7ª série com faixa etária de 12 a 24 anos. O primeiro questionário aplicado teve o propósito de averiguar se os alunos recebiam ou não algum tipo de orientação sexual em casa e na escola, e quem ou qual disciplina realizava esse trabalho de orientação. Entre os 19 alunos que responderam ao questionário, 11 disseram que recebiam orientação de seus pais e 8 que não recebiam nenhum tipo de orientação sexual em casa. Como já salientamos anteriormente todos os alunos responderam que recebiam orientação sexual na escola; mas como já mencionamos, esse “trabalho de orientação sexual” consiste, apenas na aplicação do conteúdo convencional de Ciências. Quando perguntamos se este conteúdo era satisfatório a maioria dos alunos respondeu que não – 14 alunos, e sim – apenas 4 alunos, sendo que um preferiu não responder. Também perguntamos se eles gostariam de ter a orientação sexual em seu currículo escolar: 17 alunos responderam que sim e quase todos justificaram sua resposta por acharem que “é uma coisa muito importante” (resposta de um dos alunos), e apenas 2 alunos responderam que não gostariam de ter esse trabalho de orientação dado pela escola sem justificar sua resposta. Deixaremos para analisar as respostas sobre as fontes de informações no final junto as outras escolas.

Na segunda etapa de aplicação dos questionários, perguntamos se os alunos se sentiam à vontade para falar de sexo, dentre os 15 alunos que estavam presentes, 10 responderam que sim, pois o sexo é um assunto normal nos dias de hoje e 5 responderam que não, por motivos diversos – vergonha, não se sentir bem, etc. E também procuramos neste dia saber um pouco a opinião dos adolescentes sobre virgindade, aborto e homossexualidade<sup>5</sup>.

No último questionário que aplicamos na E. E. E. Fundamental Dom Luis Gonzaga Fernandes procuramos saber se os alunos tinham conhecimento ou proximidade com casos de gravidez na adolescência (2 casos na família, 2 casos com colegas na escola e 6 casos com pessoas estranhas ou sem muita proximidade); aborto (1 caso na escola e outro fora da escola); DSTs/AIDS (2 casos fora da escola, que aconteceram com vizinhos ou pessoas estranhas); abuso sexual (2 casos fora da escola que aconteceram com vizinhos) e prostituição (7 casos fora da escola).

---

<sup>4</sup> Ver por completo em anexos.

<sup>5</sup> Ver em anexos

A segunda escola a ser trabalhada foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio Queiroz, seguindo o mesmo roteiro trabalhado no Dom Luis Fernandes. Lá falamos com a diretora Maria de Lurdes que se dispôs a colaborar com nossa pesquisa respondendo a nossas perguntas, nos relatou que a escola comporta seis turmas de 8ª série e o ensino médio completo. As turmas de 8ª séries são compostas por alunos de faixas etárias bem variadas – 13 a 17 anos de idade. De acordo com a diretora, o comportamento dos adolescentes é normal e as questões sexuais acontecem mais do lado de fora da escola.

Segundo nos afirmou a senhora Maria de Lurdes, a escola já presenciou casos de gravidez de alunos adolescentes, mas isso ocorreu há alguns anos e hoje esses casos são mais freqüentes com as alunas do turno noturno que são na sua maioria de idades mais avançadas. É interessante ressaltarmos aqui um dado muito importante descoberto através do diálogo que tivemos com algumas alunas da escola e que contradiz a argumentação da diretora da mesma. Descobrimos com nossas idas a campo que no atual momento em que estávamos trabalhando na escola, existia a presença de uma adolescente de 13 anos de idade que vivia a sua segunda gravidez, sendo que a primeira gravidez tinha sido aos 11 anos e não tinha prosseguido até o final; não foi possível uma aproximação nossa com essa aluna, que “não se sabe os motivos”, não freqüentou a escola nos dias que estivemos nela – este caso revela a contradição existente na argumentação da direção da escola, que procura sempre passar a melhor imagem de seu estabelecimento; escondendo fatos que possam denegrir sua imagem. A respeito dos PCNs, a diretora nos afirmou que eles são utilizados “em parte”, pois não é um trabalho realizado por todos os professores; mas nesta escola se destaca o trabalho de orientação sexual realizado pela professora Elidia que nos deu o seu depoimento lá no Dom Luís sobre como foi e o que a levou a trabalhar esse conteúdo em sua disciplina – português:

*“É (...) o meu trabalho em sala de aula lá no Álvaro Gaudêncio, eu percebi a necessidade de trabalhar um pouco mais com a transversalidade; é (...) no qual alguns professores trabalham, mais ainda falta uma sistematização maior por parte do grupo, né, ou seja, agente (...) ainda falta o pessoal se agrupar, elaborar um projeto onde atinja toda à escola; mas se agente ficar esperando que isso*

*aconteça, agente nunca faz um trabalho diferente ou um trabalho pelo ao menos pra atender as necessidades, né, dos educandos.*

*“Eu percebendo, né, a necessidade que eles tinham, que eles precisavam ter uma orientação sexual, então dentro do meu próprio conteúdo de língua portuguesa, né, nas séries de 6ª série, eu, é(...) elaborei, assim, um mini-projeto de orientação sexual. Partindo, né, é (...) de temas que levasse à reflexão do próprio aluno em relação ao seu corpo, ao seu relacionamento com o outro, é, que partiu desde do conhecimento que ele tinha com o corpo dele, com o corpo do colega, né, com o corpo seu, com o corpo das pessoas, e as mudanças que estavam ocorrendo, né, com ele, é (...) na puberdade.*

*“Então, a partir daí agente começou a desenvolver um trabalho, né, de orientação sexual, o qual eu trabalhei tanto com, é (...) material informativo, né, que eu consegui, é (...) juntamente com a Secretaria de Saúde do Município de Campina Grande é, e material de suporte, que eu fiz pesquisa \_ textos informativos em relação a sexualidade, em relação as doenças sexualmente transmissíveis, é, uma gama de informações em relação a AIDS, né, a prevenção em si, né. Então eles tiveram realmente um vasto conhecimento; eu acredito, né, com a questão da orientação; não só como eles lidar, né, com o outro, o relacionamento, os valores, o respeito, como também, é, em relação ao conhecimento mesmo de informações, né, sobre por exemplo gravidez indesejável, né, a gravidez precoce, a questão das DSTs, né \_ então eles tiveram conhecimento de como se manifesta cada tipo de doença, é (...) e até a própria AIDS, né, mitos e tabus da própria doença, que eles tinham conhecimentos populares que eram passados, é, entre colegas, sei lá (...) na família, na própria sociedade; então eles também (...) foram discutidos está questão desses mitos, né, de que por exemplo eu podia até citar que, que um aluno disse que, é (...) transar com camisinha é a mesma coisa que chupar confeito com papel e tudo, né; ou seja, isso é o mito que deve ser desmistificado, né, no qual ele tem que vê a necessidade dele se prevenir e, então ter essa preocupação, que usar*

*camisinha é uma coisa que vai tirar o prazer, que ele não vai curtir o prazer como se teria sem a camisinha.*

Aplicamos o primeiro questionário com os alunos na E. E. E Fundamental e Médio Álvaro Gaudêncio de Queiroz, assim como na Dom Luís Gonzaga Fernandes. Eram alunos com idades variadas que iam de 13 aos 17 anos. Desses 27 alunos, 13 disseram que recebiam orientação sexual em casa e assim como os alunos do Dom Luis, essa orientação era dada pelos pais, e 14 responderam que não recebiam nenhum tipo de orientação sexual em casa. Já em relação ao trabalho de orientação sexual na escola, 17 responderam que tinham esse conteúdo dado por professores das seguintes disciplinas: ciências, religião e português; sendo que a maioria respondeu que o conteúdo foi dado nessa última disciplina – isso evidencia que o trabalho realizado pela professora Elidia teve resultado.

*“Bem, é (...), os resultados desse trabalho, né, eu acredito, né, eu considerarei um resultado muito bom. Por quê? Porque não só, é (...) motivou a turma, a qual eu tava desenvolvendo esse trabalho, como também gerou curiosidade com alunos de outras turmas, né, que em momentos que agente estava fazendo exibição de vídeo, é (...), eu estava passando o material informativo através de transparências, ficava até encontrolável minha sala de aula com a guma de outros alunos vindos de outras salas, pedindo pra assistir, né. É (...), foi uma pena que os professores não se engajaram, né, nesse projeto.*

Quando perguntamos se eles gostariam de ter esse conteúdo de orientação sexual na escola, 15 responderam que sim por esse assunto ser muito importante, 5 disseram que não por razões diferentes: “porque eu não preciso desse tipo de orientação”; “tanto faz para mim”, etc. – e 7 alunos preferiram não responder.

Em outro questionário que aplicamos com a 8ª série; perguntamos se eles se sentiam a vontade para falar sobre sexo e a maioria respondeu que sim, 22 alunos e apenas 6 disseram não. Os motivos dos que responderam não, foi bem variado – “porque eu não gosto muito de falar sobre esse assunto, pois eu não fui acostumada a falar sobre essas coisas, nem meus pais nunca falavam sobre essa para mim, tornando-me a não ficar à vontade para falar sobre sexo”; “porque ele é um assunto muito

delicado e deve ser manuseado com cuidados diferentes”; “mais ou menos, depende da pessoa que estou conversando, com amigos por exemplo me sinto mais a vontade do que a família; etc – e dos que responderam sim – “É um assunto que nós jovens temos que aprender, para que não aconteça algo ruim com a gente, quando formos praticar o mesmo. Como exemplo: doenças como a AIDS e outros tipos de doenças, e até mesmo nos levar à morte (previna-se, use camisinha)””; “eu acho isso normal, nos dias de hoje o que mas se fala é sobre sexo, principalmente os (jovens). Para a maioria dos adolescentes o sexo é tudo, mas na minha opinião eu não acho que o sexo é tudo. Se fizesse e pensasse seria ótimo, mas nem todos pensam assim... meninas com 13 a 14 anos engravidando, isso eu não concordo. O Brasil só tem andado para traz. Obs: jovens use camisinha. Jovens vamos mudar a história do nosso país...”; etc. Procuramos saber também a opinião destes alunos sobre virgindade, aborto e homossexualidade<sup>6</sup>. Aplicamos outro questionário para os adolescentes, com o propósito de descobrirmos se estes tinham conhecimento e/ou proximidade com outros adolescentes que viveram ou viviam casos de gravidez (15 casos na escola, com amigas e 8 casos com estranhos e vizinhos); aborto (2 casos ocorridos na escola e 2 fora da escola); DSTs/AIDS não houve nenhum caso que fosse do conhecimento dos alunos; abuso sexual (1 caso que não aconteceu com uma aluna da escola, mas com uma amiga. Veja o que esta aluna de 15 anos relatou – *“uma colega me contou que um tio seu que morava na sua casa, tentou várias vezes manter relações com ela e que ela sempre teve medo dele. Por isso não contou aos seus pais”*). E prostituição (3 casos, um deles aconteceu com uma aluna da escola).

A última escola de nossa amostra foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Virginius da Gama e Melo. Fomos recebidos pela orientadora da escola Maria, que nos respondeu às perguntas sobre a escola e seus alunos. No Virginius da Gama e Melo encontramos 138 alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries, mas trabalhos com apenas um certo número de alunos de cada uma dessas turmas (20 alunos, dez de cada turma), pois seria impossível nesse momento de nossa pesquisa trabalharmos com todos os alunos da escola, assim como não foi possível fazer isso nas outras escolas. Da amostra de alunos que trabalhamos a faixa etária destes adolescentes ia dos 14 aos 18 anos de idade.

---

<sup>6</sup> Ver em anexos



De acordo com a senhora Maria, orientadora da escola, o comportamento dos adolescentes é no geral considerado normal e em relação às questões sexuais, ela nos afirmou que os adolescentes se comportam como todos os outros dessa faixa etária. Quanto a ocorrência de casos de gravidez na adolescência, a senhora Maria relatou-nos um caso que tinha ocorrido na escola, mas salientou que quando descoberta a gravidez a adolescente abandona a escola, sendo este o motivo do não conhecimento do número de casos de gravidez por parte da direção da escola. O caso relatado pela orientadora aconteceu com uma aluna de 13 anos de idade, a qual se envolveu com um adolescente que estava envolvido com drogas; motivo que a levou a se distanciar dopai do seu filho.

Em relação ao uso ou não dos PCNs, a nossa “entrevistada” não soube afirmar se todos os professores trabalham os temas transversais, mas nos garantiu que alguns deles participam dos cursos oferecidos pela III Região de Ensino. Aproveitamos essa nossa visita para conversarmos com o professor de Ciência Júlio César; ele nos respondeu que o comportamento de seus alunos se destaca na escola, no que tange à sexualidade. Este professor participou do curso oferecido pelo Estado para a capacitação dos professores para a utilização dos PCNs e ressaltou que já está trabalhando a orientação sexual com seus alunos ao tratar do conteúdo do corpo humano. Segundo o nosso informante, a maior dificuldade para a realização deste trabalho foi a reação dos alunos, os quais se inibiram bastante no início, mas logo se interessaram pelo assunto.

Na escola Virginius da Gama e Melo aplicamos o primeiro questionário e obtivemos os seguintes resultados: 14 alunos responderam que não recebiam orientação sexual em casa e 6 disseram que sim, sendo esta orientação dada pelos pais. Em relação a orientação sexual na escola, eles confirmaram o fato que ocorria no Dom Luis Gonzaga Fernandes, onde essa temática era trabalhada somente em Ciências devido ao conteúdo abranger o corpo humano, o resultado foi 18 alunos disseram que tinham esse conteúdo nas aulas de Ciências e apenas 2 alunos responderam que não, mas que gostariam de tê-lo por considerar o assunto importante para os jovens de hoje.

Em outra oportunidade questionamos se os adolescentes se sentiam à vontade para falar sobre sexo: 11 alunos disseram que sim e justificaram a resposta – *“porque esse assunto é muito comum”*; *“porque é uma coisa normal”*; etc. e 9 alunos responderam que não se sentiam à vontade para falar de sexo devido a motivos variados – *“porque eu não gosto, prefiro ler livro sobre sexo”*; *“porque eu não me sinto bem”*;

etc. Neste questionário perguntamos a opinião deles sobre virgindade, aborto e homossexualidade<sup>7</sup>.

No último questionário aplicado nesta escola pretendíamos descobrir se os alunos conheciam e/ou conviviam com pessoas de sua faixa etária que estavam tendo ou já tiveram problemas ligados a gravidez (5 casos na escola e 15 casos com pessoas próximas e familiares); aborto 1 caso fora da escola; DSTs/AIDS nenhum aluno tinha conhecimento; abuso sexual também não era do conhecimento dos alunos, e prostituição (12 casos foram citados, mas todos desligados do ambiente escolar, que provavelmente os alunos viram acontecer ou souberam através de amigos.

Em todas as escolas pesquisadas, perguntamos aos alunos quais eram sua(s) maior(es) fonte(s) de informação sobre sexo e sexualidade, e preferimos analisar essa questão só após termos relatado o procedimento da pesquisa em cada escola, para fazermos uma comparação de dados. Para tal pergunta, citamos algumas fontes como resposta para serem marcadas pelos alunos; veja os resultados:

| FONTES      | E.E.E.F. DOM LUIS<br>GONZAGA<br>FERNANDES | E.E.E.F.M. DEPUTADO<br>ÁLVARO<br>GAUDÊNCIO DE<br>QUEIROZ | E.E.E.F.M.<br>VIRGINIUS DA<br>GAMA E MELO |
|-------------|---|--|---|
| Amigos      | 8   | 10   | 15  |
| Família     | 5   | 8  | 7   |
| TV/Revistas | 7   | 13   | 18  |
| Escola      | 11  | 7  | 9   |
| Igreja      | 0   | 8  | 2   |
| Outros      | 0   | 4  | 5   |

De acordo com os dados da tabela, percebemos que na família e na escola, que são instituições primeiras e principais onde se formam e se definem grande parte dos nossos valores, a discussão acerca da sexualidade está muito ausente; isso pode repercutir em problemas graves como a ocorrência de uma gravidez não planejada, ou contaminação por alguma DST. Lastimavelmente a grande fonte de informações sobre sexualidade para os adolescentes, de uma forma geral, é a mídia e os grupos de amigos.

<sup>7</sup> Ver em anexos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações da sexualidade estão presentes em todos os lugares e em todas as idades. O ato de ignorar, ocultar ou reprimir a sexualidade, são respostas dadas pelos professores e funcionários das escolas, com base na idéia de que a mesma não é assunto para ser discutido no ambiente escolar, e sim pela família.

Os pais, querendo ou não, realizam a educação sexual de seus filhos – seja por meio dos seus comportamentos, nas proibições – eles estão passando algum valor associado à sexualidade. Portanto, é no ambiente do lar “que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade” (PCNs: vol10, p.291). Mas, é necessário que essa educação tenha uma continuidade, e cabe à escola trabalhar com seus alunos esse conteúdo. A realização desse trabalho por parte da escola contribui para suprir as ansiedades dos adolescentes que muitas vezes interfere no aprendizado dos conteúdos pragmáticos.

*“É (...) uma outra coisa que eu percebi, né, é que a partir do momento que eu comecei a trabalhar com esse tema. É, a motivação pra, para o trabalho em sala de aula aumentou, né, eles ficaram muito mais motivados pra vim as aulas, né, inclusive muito material que serviria de suporte para o desenvolvimento dessa temática foram coletados pelos próprios alunos \_ vez ou outra chegava um aluno com um material e passava pra mim, e dizia “professora, esse material serve pra gente trabalhar em sala de aula? \_ eu acho, assim, foi uma riqueza, né, perceber a necessidade do aluno e ao mesmo tempo vê que eles se sentiram motivados pra ir em busca, né, aprofundar o seu próprio conhecimento a respeito do tema que tava sendo desenvolvido.*

O que podemos perceber com os dados dos questionários não é um resultado muito animador, pois família e escola que são os grandes responsáveis para a educação e orientação sexual, são universos menos procurados pelos alunos, e os motivos já foram citados pelos mesmos durante a aplicação do primeiro questionário

nas escolas. Infelizmente o grande fornecedor de informações para essas jovens pessoas que estão formando suas personalidades, está sendo a TV, as revistas e os amigos.

A Socióloga Cecília Simonetti elaborou um estudo sobre a influência da mídia no comportamento sexual infantil, no qual ela aponta uma pesquisa realizada em 1990 pela Escola de Comunicações e Artes da USP, a respeito de cenas de sexo e violência que foram ao ar no período de 28 de maio a 3 de julho. Essa pesquisa contribuiu para um maior esclarecimento da população com relação aos lados positivos e negativos dessa programação. O lado positivo refere-se a convivência menos repressiva da sexualidade pelas crianças, e o lado negativo seria a erotização doentia que invade os lares em horários impróprios, acessíveis a crianças e adolescentes, incitando a uma sexualidade precoce e transgressora.

Falar de sexo de uma forma natural, como outro assunto qualquer é uma mudança positiva para muitas pessoas; esse novo debate faz parte da “modernização” da vida sexual e está sendo de muito valor na campanha de prevenção e orientação sexual que surgiu após o aparecimento da AIDS. Mas é preciso tomar cuidado com a programação diária da TV, pois “é inegável que a TV, com a disputa de audiência entre as emissoras, influencia o comportamento sexual das pessoas, de idades e classes sociais variadas” (RIBEIRO: 1999, p. 70). Hoje, o que presenciamos em nosso dia-a-dia com espectadores é uma ausência muito grande de programas construtivos e educativos, pois os canais de TV que se voltam para esse tipo de programação não são acessíveis a toda população, fazendo parte apenas de um pequeno contingente de pessoas de classes mais favorecidas, as quais possuem por sua vez, antenas de TV a cabo que transmitem canais educativos e culturais como por exemplo o canal Futura.

É importante lembrarmos que até mesmo estes possuidores de opções de programas educativos e não agressivos, muitas vezes preferem assistir a grande disputa pela audiência existente entre a Rede Globo e o SBT. Estas duas emissoras brigam pelo primeiro lugar na audiência, chegando ao ponto de termos na programação do domingo apenas a exibição de corpos quase (e até mesmo) nus, explorando a sexualidade para atingir o topo da audiência, como é o caso do Domingo Legal e o Domingão do Faustão; isso sem falarmos na nova sensação do momento – os Realy Show – que procuram prender a atenção dos expectadores através da exibição de cenas sensuais, picantes e até mesmo de sexo explícito, como aconteceu no Big Brother II e na Casa dos Artistas.

De acordo com Cecília Simonetti, “nossa TV atual, salvo raras exceções, é usada pelo mercado para formar, informar e “enformar” (no sentido de colocar numa fôrma) a sexualidade das pessoas, inclusive das crianças”. (RIBEIRO: 1999, p. 74). Cabe a cada um compreender que a TV não é unidirecional; ela não é um instrumento detentor de uma única moralidade sexual, sua influência varia conforme o significado e a importância que cada pessoa atribua àquilo que vê.

Em suma, quando perguntamos aos alunos se eles gostariam de ter o conteúdo de orientação sexual no currículo escolar, aproximadamente 90% deles responderam que sim, e os que responderam que já tinham essa orientação, mencionaram que a mesma é insuficiente. Isso revela a falta de organização e resultado dos cursos de treinamento dos PCNs que não acompanham adequadamente os professores/orientadores nessa tarefa árdua e delicada que é discutir (orientando) sobre a sexualidade; o desinteresse da maioria dos professores (devido à insegurança, o medo e o preconceito, no que tange às questões relacionadas à sexualidade); e o desinteresse dos próprios alunos, por influência da família e/ou da religião, em discutir sistematicamente a problemática da sexualidade.

Contudo, se o governo (de uma forma geral) procurasse trabalhar junto a sociedade civil, o resultado desse programa de orientação sexual proposto nos PCNs, seria diferente dessa realidade que constatamos em nossa pesquisa. Cabe aos governantes estudarem uma maneira de trabalhar a orientação sexual não apenas por meio da obrigatoriedade da inserção da mesma nos conteúdos de ciências (como vem acontecendo nas escolas), mas fazer com que esse trabalho ultrapasse os portões da comunidade escolar e atinja toda a população.



# **ANEXOS**

## DIREÇÃO DA ESCOLA

### Roteiro

1. Qual o número de turmas de 7ª e 8ª séries da escola?
2. Qual é o número de alunos de cada 7ª e 8ª série?
3. De uma forma geral, como é o comportamento dentro da escola, no que diz respeito às questões sexuais, dos alunos da 7ª e 8ª séries?
4. A escola está trabalhando com os temas transversais dos PCNs? Se não, por quê?
5. Se a escola trabalha os temas transversais, como a orientação sexual está sendo aplicada?
6. Há alguma dificuldade na aplicação do tema? Se não, por quê? Se sim, por quê e quais?

## PROFESSORES DE ÁREAS AFINS COM ORIENTAÇÃO SEXUAL.

### Roteiro

1. Você está utilizando o tema Orientação Sexual como transversal no conteúdo de sua disciplina? Se sim, como? Se não, por quê?
2. Como é o comportamento de seus alunos em sala de aula, no que diz respeito à sexualidade?



QUESTIONÁRIOS PARA ADOLESCENTES - ALUNOS DE 7ª E 8ª SÉRIES.

Questionário

Escola:

Sexo: masculino ( ) Feminino ( )

Idade:

1. Você recebe(u) algum tipo de orientação sexual em sua casa?

Sim ( ) Não ( )

Se sim, de quem? Você considera essas informações suficientes?

Sim ( ) Não ( )

2. Qual(is) é (são) a(s) sua(s) maior(es) fontes de informações sobre sexo e sexualidade?

( ) Família ( ) tv/Revistas

( ) Igreja ( ) Amigos

( ) Escola ( ) Outros

3. Há quanto tempo você está estudando nesta escola?

4. Você gosta de estudar nesta escola?

Sim( ) Não ( ) Por quê?

5. Há em alguma(s) disciplina(s) a aplicação do conteúdo de orientação sexual?

Sim ( ) Não ( ) Qual (is)?

6. Se sua resposta foi sim, como é/foi dado esse conteúdo?

7. Você acha que ele é/foi satisfatório ou precisa de mudanças?

8. Se sua resposta foi não, você gostaria de ter esse conteúdo no currículo escolar?

Sim ( ) Não ( ) Por quê?

## QUESTIONÁRIO

Escola:

Sexo: masculino ( ) feminino ( )

Idade:

1. Você se sente à vontade para falar sobre sexo?

Sim ( ) Não ( ) Por quê?

2. Qual é a sua opinião sobre a virgindade?

3. Qual é a sua opinião sobre o aborto?

4. Qual é a sua opinião sobre a homossexualidade?

## QUESTIONÁRIO

Escola:

Sexo: masculino ( ) feminino ( )

Idade:

1. Você conhece(u) alguém ou mais de uma pessoa, de sua faixa etária que teve/tem problemas relacionados a:

( ) gravidez ( ) DSTs/AIDS

( ) Aborto ( ) Prostituição

( ) Abuso sexual

Se você respondeu gravidez, foi ou é na escola?

Se você respondeu aborto, foi ou é na escola?

Se você respondeu abuso sexual, foi ou é na escola? Se não, aonde esse caso aconteceu?

Se você respondeu ,DSTs/AIDS, aonde esse caso aconteceu?

Se você respondeu prostituição, foi ou é na escola? Se não, aonde esse caso aconteceu?

## DEPOIMENTO

Professora: Elidia

Escolas:

Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Luiz Gonzaga

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz

### Roteiro

Fale um pouco sobre a sua opinião sobre a transversalidade proposta pelos PCNs; apontando as falhas na aplicação desse sistema de trabalho proposto pelo MEC, bem como os cursos oferecidos para a capacitação dos professores do Estado e Município, para a realização desse trabalho. Você já participou de algum, como foi?

Na sua concepção, o que é orientação sexual?

Qual a importância desse trabalho na escola?

Como você se deu conta da necessidade de trabalhar a orientação sexual com seus alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz?

Qual foi a(s) disciplina(s) que você trabalhou a orientação sexual?

Como você iniciou esse trabalho?

Fale do decorrer desse trabalho em sala e seus resultados; assim como a integração do mesmo na(s) disciplina(s) que você lecionava.

E na “Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Luiz Gonzaga”; quais as suas perspectivas em relação as necessidades dos alunos, da postura da escola (direção, funcionários e professores) no que diz respeito a sexualidade e orientação sexual?

## DEPOIMENTO

Professora Elidia – 29/08/02

“Meu nome é Elidia (...sorriu!)é (...) trabalho com o ensino fundamental; trabalhei já há dezoito anos no Álvaro Gaudêncio e estou atualmente na Escola Dom Luiz.

“Bem, é ... a respeito dos PCNs, né, um material muito bom, uma proposta do MEC. Eu já tenho feito, assim, muitos estudos, né, desde o início, né, com o surgimento (...) é, dessa proposta do governo (...) é (...) renovar a educação, eu já venho estudando.

“É um material que eu coloco como muito bom, né, é um material de primeira qualidade, tanto em termos (...) e quanto ao conteúdo, né, que ele traz, é a reflexão (...) principalmente a reflexão que ele traz para o professor (...) é uma reflexão muito boa.

“No que diz respeito a (...) a proposta, também é grandiosa. Primeiro porque ela aborda aspectos do nosso cotidiano e dá orientações de como deve ser trabalhado dentro das áreas de conhecimento; tanto na área de conhecimento; tanto na área de língua, de matemática, de ciências, todas as disciplinas; além da pluralidade cultural, da ética e da orientação sexual, e também meio ambiente.

“É (...) quanto ao trabalho realizado com os PCNs, eu ainda considero, pelo ao menos na escola que eu trabalhei até há alguns meses atrás (...) eu ainda considero um trabalho muito pouco. Mesmo porque a grande maioria dos professores, é (...) não se é por motivo de, de condições pra estudo, né, que agente sabe que também tem ou não acreditar muito na proposta; poucos tem, assim, um conhecimento vasto a respeito da proposta, né, dos PCNs.

“Particularmente eu sempre venho estudando, né, buscando um horário extra. Cursos quando são oferecidos tanto pelo Município quanto pelo Estado. O Município, né realmente está investindo muito mais nessa proposta do que o próprio Estado. O Estado oferece também, curso de PCN, né, que são os “parâmetros em ação”, mas, eles colocam um horário que não dá disponibilidade para o professor, ou seja, horários de semana, e o professor que tem disponibilidade de tempo e que tem vontade, né, de conhecer o trabalho material é que ele se dispõe. É (...) eu acho, assim, uma falha, sabe, do governo do Estado, ou pelo ao menos de quem organiza esses cursos; não dá condições pra o professor realmente se capacitar. É (...) já quanto ao Município, não; ele

tanto oferece os seus períodos de capacitação permanente, quanto oferece também aos sábados pra o professor que tenha disponibilidade de tempo pra capacitar.

“O Município, ele investe muito mais na capacitação continuada do professorado do que o Estado \_ infelizmente, né, que é uma pena, a gente sabe que o Estado é mais (...) abrange uma grande quantidade maior de professores de que o Município \_ mas, infelizmente ele ainda tem, eu acredito que seja uma falha, não dá condições para o professor se capacitar. Mas, eu acredito também que o professor quando ele quer, ele vai em busca, né, seja de noite, de madrugada, no final de semana, o tempo que ele tem disponível, ele vai em busca de aprimorar os seus conhecimentos, né, e se capacitar, automaticamente.

Quanto, a a a, aos PCNs, eles traz uma orientação não só das áreas temáticas, como português, matemática, como também em relação a orientação sexual, a ética, o meio ambiente, né, aspectos do meio ambiente, a pluralidade, né, ele traz uma gama de informações, muito grande, pra o professor, pra direcionar o professor pra o seu trabalho cotidiano.

“É (...) o meu trabalho em sala de aula lá no Álvaro Gaudêncio, eu percebi a necessidade de trabalhar um pouco mais com a transversalidade; é (...) no qual alguns professores trabalham, mais ainda falta uma sistematização maior por parte do grupo, né, ou seja, agente (...) ainda falta o pessoal se agrupar, elaborar um projeto onde atinja toda à escola; mas se agente ficar esperando que isso aconteça, agente nunca faz um trabalho diferente ou um trabalho pelo ao menos pra atender as necessidades, né, dos educandos.

“Eu percebendo, né, a necessidade que eles tinham, que eles precisavam ter uma orientação sexual, então dentro do meu próprio conteúdo de língua portuguesa, né, nas séries de 6ª série, eu, é(...) elaborei, assim, um mini-projeto de orientação sexual. Partindo, né, é (...) de temas que levasse à reflexão do próprio aluno em relação ao seu corpo, ao seu relacionamento com o outro, é, que partiu desde do conhecimento que ele tinha com o corpo dele, com o corpo do colega, né, com o corpo seu, com o corpo das pessoas, e as mudanças que estavam ocorrendo, né, com ele, é (...) na puberdade.

“Então, a partir daí agente começou a desenvolver um trabalho, né, de orientação sexual, o qual eu trabalhei tanto com, é (...) material informativo, né, que eu consegui, é (...) juntamente com a Secretaria de Saúde do Município de Campina Grande é, e material de suporte, que eu fiz pesquisa \_ textos informativos em relação a sexualidade, em relação as doenças sexualmente transmissíveis, é, uma gama de informações em

relação a AIDS, né, a prevenção em si, né. Então eles tiveram realmente um vasto conhecimento; eu acredito, né, com a questão da orientação; não só como eles lidar, né, com o outro, o relacionamento, os valores, o respeito, como também, é, em relação ao conhecimento mesmo de informações, né, sobre por exemplo gravidez indesejável, né, a gravidez precoce, a questão das DSTs, né \_ então eles tiveram conhecimento de como se manifesta cada tipo de doença, é (...) e até a própria AIDS, né, mitos e tabus da própria doença, que eles tinham conhecimentos populares que eram passados, é, entre colegas, sei lá (...) na família, na própria sociedade; então eles também (...) foram discutidos está questão desses mitos, né, de que por exemplo eu podia até citar que, que um aluno disse que, é (...) transar com camisinha é a mesma coisa que chupar confeito com papel e tudo, né; ou seja, isso é o mito que deve ser desmistificado, né, no qual ele tem que vê a necessidade dele se prevenir e, então ter essa preocupação, que usar camisinha é uma coisa que vai tirar o prazer, que ele não vai curtir o prazer como se teria sem a camisinha.

“É (...) uma outra coisa que eu percebi, né, é que a partir do momento que eu comecei a trabalhar com esse tema. É, a motivação pra, para o trabalho em sala de aula aumentou, né, eles ficaram muito mais motivados pra vim as aulas, né, inclusive muito material que serviria de suporte para o desenvolvimento dessa temática foram coletados pelos próprios alunos \_ vez ou outra chegava um aluno com um material e passava pra mim, e dizia “professora, esse material serve pra gente trabalhar em sala de aula? \_\_ eu acho, assim, foi uma riqueza, né, perceber a necessidade do aluno e ao mesmo tempo vê que eles se sentiram motivados pra ir em busca, né, aprofundar o seu próprio conhecimento a respeito do tema que tava sendo desenvolvido.

“Bem, é (...), os resultados desse trabalho, né, eu acredito, né, eu considere um resultado muito bom. Por quê? Porque não só, é (...) motivou a turma, a qual eu tava desenvolvendo esse trabalho, como também gerou curiosidade com alunos de outras turmas, né, que em momentos que agente estava fazendo exibição de vídeo, é (...), eu estava passando o material informativo através de transparências, ficava até encontrolável minha sala de aula com a gama de outros alunos vindos de outras salas, pedindo pra assistir, né. É (...), foi uma pena que os professores não se engajaram, né, nesse projeto.

“Antes de iniciar esse trabalho, eu coloquei em planejamento a necessidade da gente desenvolver um trabalho como esse, só que outros colegas não se manifestaram, então, como se diz eu acampeei o trabalho sozinha, né. Eu acredito que tenha frutos, né,

que eu tenha plantado frutos, né, pelo ao menos dá informação, esclarecimento; e que esses alunos que tiveram essa orientação, eles hoje, eles pode ser uma pessoa mais segura, em relação a orientação sexual, né. É a questão do procedimento, na forma como lidar com esse assunto; eu acredito que deu pra pelo ao menos, né, tirar aquela questão que muitas vezes a família tem vergonha da falar do assunto, os pais tem vergonha, né, o colega aprende lá fora com informações deturpadas, né. Então, eu acho que contribui de alguma forma pra essas informações chegarem até ele de forma correta, ou pelo ao menos despertou o interesse deles buscarem outras fontes de informação pra, é (...), ter segurança com que o que eles poderiam realizar mais adiante, né.

“Bem, em relação as necessidades, né, de integrar, é (...), eu posso voltar aos parâmetros, né, os parâmetros, ele traz uma orientação para os professores; é a questão da interdisciplinidade, é (...) que o trabalho da escola, mesmo você trabalhando disciplinas (...), não é um, um (...), o conhecimento não é fragmentado, né, não deve ser fragmentado, não deve ser partido, né; na medida que você ta trabalhando o texto na área de língua Portuguesa, ou seja na área de Matemática ou de outra, em outra área de conhecimento, você pode fazer uma integração com outras áreas, né, e deve ser feito. Eu procuro sempre fazer essa integração entre as disciplinas, mostrando que o conhecimento é uma coisa (...) algo que tem que ser globalizado, né.

“Que é como eu coloquei anteriormente partiu da necessidade; como eu sempre trabalho, é (...), a área de conhecimento dentro de temas, então uma das coisas que eu faço primeiro é pesquisar os temas de interesse deles; inclusive (...) antes eu faço (...) bem, quanto aos temas é (...) logo no início do ano agente uma eleição, né, dos temas significativos, dos conteúdos que eles gostariam de estudar, né, dentro dos temas, e eu preparo todo meu plano, né, de ação anual, dentro dos temas, é (...) significativos pra eles. Inclusive agente discute, né, é (...) a questão social, a questão política, né, e uma das coisas que aparece sempre, né, assim, dentro do trabalho que eu já realizei, é a questão social, política, trabalho, e vem a questão da sexualidade sempre presente, e drogas, né; então partindo dessa necessidade deles, é que eu elaboro, né, todo o meu planejamento anual, com base nesse conhecimento que eles querem ter aprofundado, né, e aí eu parto para a coleta de informações, de suportes, e começo a desenvolver o trabalho. A interdisciplinidade se dá a partir do momento que eu por exemplo, começando um trabalho sobre relacionamento, o tema, né, a partir, partindo até da família, né, do tema família, então agente percebe que trabalhar só a família não é importante pra eles, só trabalhar o assunto da família, a desestruturação; mas o



relacionamento que existe entre ele e a família; como a família lida com essas questões da sexualidade (...) e, agente faz um diagnóstico e percebe que a família muitas vezes se omite, eu não sei se é por: medo, por desconhecimento \_ muitas vezes é até como tabu, né \_\_ agente tem que considerar qua as gerações passadas não tinham como lidar ou não foram preparadas como lidar com a sexualidade de seus filhos; então a escola, eles (...) eu acho um espaço pelo menos ideal para se fazer esse trabalho. É a partir daí que eu começo realmente a organizar meu trabalho e atuar dentro do espaço escolar. Então a interdisciplinalidade se dá a partir daí, né, a necessidade que eles tem; o trabalho que eu tou desenvolvendo dentro dos temas e aí eu entro até a questão da orientação sexual, certo!

“Bem, o que eu entendo, né, como orientação sexual é diferente de educação sexual; porque a educação sexual se dá na família, né, onde os pais, né, até pelos seus exemplos, ele passa para os filhos a educação sexual, né, é como a educação religiosa \_ não se ensina religião, né, se dá orientação. Enquanto que a escola ela tem (...) eu considero a escola com o papel fundamental pra trabalhar a orientação, ou seja, discutir com eles, o que, que pra ele, o que que é valor? né, o que ele já tem como educação sexual, se ele considera correto, se ele considera incorreto, se ele considera que deve mudar ou não. Então pra mim a orientação sexual é a informação que ele deve ter a respeito do corpo dele, como funciona, as mudanças que ocorrem no corpo dele, da puberdade, da criança, do adulto, né. Quando acontece, é, uma gravidez indesejada \_ como é que esse adolescente se comporta? Né; como é que a sociedade vai vê ele? Né; como ele tem que enfrentar, né, esses conflitos, esses desafios, é, como é que ele vai vivenciar tudo isso? Então a escola deve dá um suporte de reflexão pra esse adolescente.

“Bem, recentemente eu estou aqui no Dom Luís. Em relação a orientação sexual aqui na escola, o que eu percebi é que não existe ainda esse trabalho implantado; pelo ao menos na minha observação, né, é, que eu estou fazendo, não tem nenhum trabalho, nenhum projeto que direcione o professor à trabalhar com a orientação sexual. Nem na primeira fase e nem na segunda fase do ensino fundamental. A grande preocupação que eu percebo aqui no professor é trabalhar o conteúdo programático, certo; não tem essa preocupação. Eu acho que é, assim, uma - como se diz? - é uma perda muito grande pra o aluno, mesmo porque agente sabe que a sociedade a cada dia está estimulando muito essa questão da, da sexualidade, né, seja na roupa, seja na dança ou seja na música, né, e que nós temos um, um número enorme de pré-adolescentes, né, e adolescentes, né, que

precisa, eu acredito, que precisa ser feito um trabalho como esse. Mas infelizmente ainda não houve esse despertar dos professores para se engajar num trabalho com esse.





ESCOLA - DOM LUIZ

SEXO - MASCULINO ~~(X)~~ FEMININO

IDADE - 15

### QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

(I) VOCÊ CONHECE OU CONHECEU ALGUÉM (OU MAIS DE UMA PESSOA) DE SUA FAIXA ETÁRIA, QUE TEVE OU ESTÁ TENDO PROBLEMAS RELACIONADOS A:

GRAVIDEZ

ABORTO

DSTs/AIDS

ABUSO SEXUAL

PROSTITUIÇÃO

SE RESPONDER (GRAVIDEZ), FOI OU É NA ESCOLA?

- SIM

SE RESPONDER (ABORTO), FOI OU É NA ESCOLA?

-

SE RESPONDER (DSTs/AIDS), AONDE ESSE CASO ACONTECEU? VIZINHOS

SE RESPONDER (ABUSO SEXUAL), FOI NA ESCOLA?

SE NÃO FOI NA ESCOLA, AONDE? COM HE CÍNDOS E AMIGOS BAIRRO

SE RESPONDER (PROSTITUIÇÃO), FOI NA ESCOLA?

SE NÃO, AONDE ESSE CASO ACONTECEU? BAIRRO

-  
OBS: LEMBRE-SE QUE PROSTITUIÇÃO NÃO É O MESMO QUE VIDA PROMÍSCUA. A PROSTITUIÇÃO É A 'VENDA' DO CORPO.



ESCOLA - Dom Luiz Gonzaga Fernandes.

SEXO - MASCULINO (X) > FEMININO

IDADE - 16 anos.

### QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

(I) VOCÊ CONHECE OU CONHECEU ALGUÉM (OU MAIS DE UMA PESSOA) DE SUA FAIXA ETÁRIA, QUE TEVE OU ESTÁ TENDO PROBLEMAS RELACIONADOS A:

(X) GRAVIDEZ

(X) ABORTO

( ) DSTs/AIDS

(X) ABUSO SEXUAL

(X) PROSTITUIÇÃO

SE RESPONDER (GRAVIDEZ), FOI OU É NA ESCOLA?

- sim

SE RESPONDER (ABORTO), FOI OU É NA ESCOLA?

- sim

SE RESPONDER (DSTs/AIDS), AONDE ESSE CASO ACONTECEU?

-

SE RESPONDER (ABUSO SEXUAL), FOI NA ESCOLA?

SE NÃO FOI NA ESCOLA, AONDE? ~~nao~~ não,

- foi uma vizinha.. perto de casa.

SE RESPONDER (PROSTITUIÇÃO), FOI NA ESCOLA?

SE NÃO, AONDE ESSE CASO ACONTECEU?

- não, ~~nao~~ na casa de uma prima no Rio grande do norte.

OBS: LEMBRE-SE QUE PROSTITUIÇÃO NÃO É O MESMO QUE VIDA PROMISCUA. A PROSTITUIÇÃO É A 'VENDA' DO CORPO.

ESCOLA EST. DE ENSINO FUND. E MÉDIO DEPUTADO ALVARO GAUDÊNCIO

SEXO: MASCULINO ( ) FEMININO (X)

IDADE: 15 ANOS

### QUESTIONÁRIO

I) VOCÊ CONHECE(U) ALGUÉM OU MAIS DE UMA PESSOA DE SUA FAIXA ETÁRIA, QUE TEVE/TEM PROBLEMAS RELACIONADOS A:

- (X) GRAVIDEZ (X) ABUSO SEXUAL  
( ) ABORTO ( ) PROSTITUIÇÃO (VENDA DO CORPO)  
( ) DSTs/AIDS

SE VOCÊ RESPONDEU GRAVIDEZ, FOI OU É NA ESCOLA?

SE NÃO FOI NA ESCOLA, AONDE?

SIM NA ESCOLA, ESTUDAVAMOS JUNTOS.

SE VOCÊ RESPONDEU ABORTO, ESSE CASO ACONTECEU NA ESCOLA? SE NÃO, AONDE?

SE VOCÊ RESPONDEU DSTs/AIDS, AONDE ESSE CASO ACONTECEU?

SE VOCÊ RESPONDEU ABUSO SEXUAL, FOI NA ESCOLA? SE

NÃO, AONDE ELE SE PASSOU? Uma colega me contou que um tio seu que morava na sua casa, tinha várias vezes mantido relações com ela e que ela sempre teve medo dele, pois não queria os pais.

SE VOCÊ RESPONDEU PROSTITUIÇÃO, FOI OU É NA ESCOLA?

SE NÃO FOI NA ESCOLA, AONDE ESSE CASO ACONTECEU?

II) VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM (X) NÃO (X)

POR QUÊ?

- mais eu mesmo ~~depende~~ depende da pessoa que estou conversando, com amigos por exemplo que sinto mais a vontade do que a família.

ESCOLA - Dom Luiz

SEXO - Masculino

IDADE - 24 anos

## QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

I VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM ( X ) NÃO ( )

POR QUÊ?

- Por que é uma coisa normal, que se deve levar a sério.

II QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- Uma coisa normal, ser virgem não é coisa de outro mundo.

III QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- Uma verdadeira crueldade em certos casos, em outros é necessário.

IV QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- Uma verdadeira imoralidade, porque o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem.



ESCOLA - Dom Luiz Gonzaga Fernandes  
SEXO - Feminino  
IDADE - 13 anos

### QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

I) VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM  NÃO ( )

POR QUÊ?

- É uma coisa normal, faz parte da vida.

II) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- Fundamental - , antes do casamento,  
- e honravel se casar e ja ter passado  
- mas mães de varios homens.

- A virgindade é muito importante para sua reputação

III) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- Quem faz aborto não tem coração,  
- matar uma criança indefesa sem culpa  
- de nada, é uma pessoa bem feio,  
- por que não vai usar preservativo

IV) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- Uma coisa honravel quem fa viu  
- Deus fez o homem e a mulher.  
- Homossexualidade é honravel, quando  
- a pessoa ver um homem bem bonito quando olhar e um homossexual chega da pena.

Ass: 

ESCOLA - ESTADUAL DE ENSINO. F. DOM LUIZ. G. FERNANDE

SEXO - FEMININO

IDADE - 15 ANOS

## QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

I) VOCÊ SE SENTE A VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM (  ) NÃO (  )

POR QUÊ?

- POR QUE É UMA COISA COMUM, OU SEJA É UM ASSUNTO A BORDADO EM TODOS OS LOCAIS, NA ESCOLA, NA TELEVISÃO E OUTROS.

II) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- ACHO QUE, ERA PARA AS JOVENS DE HOJE EM DIA CONSERVA-LA, E SÓ PERDE-LA QUANDO HOVER CERTEZA.

III) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- ACHO QUE SÓ DEVE SER FEITO, EM CASOS DE ESTRUPO, OU ABUSO EM MENORES.
- NAS DEMAIS MULHERES ACHO UM CRIME.

IV) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- APESAR DE HOJE EM DIA SER UMA COISA MUITO COMUM, EU NÃO ME ACUSTUMO, MAS RESPEITO A OPÇÃO SEXUAL DE TODOS.

ESCOLA - DOM LUIZ.

SEXO - FEMININO.

IDADE - 13.

### QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

Ⓘ VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM ( ) NÃO (X)

POR QUÊ?

- TENHO VERGONHA.

Ⓜ QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- UMA COISA, SENSÍVEL, RARA.

Ⓝ QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- UMA COISA ERRADA, E NÃO DEVERIA SER FEITO.

ⓓ QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- NO MOMENTO, NÃO SEI RESPONDER.

ESCOLA - Dom Luiz Gonzaga Fernandes.

SEXO - Feminino

IDADE - 12 anos.

## QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

I) VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM ( ) NÃO (X)

POR QUÊ?

- Não sinto bem apesar que a professora
- não passa as informações.

II) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- Ser virgem é bom e bonito.

III) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- Acho que mãe não deve abortar ela sabe muito
- bem que está crescendo um ser dentro dela.

IV) QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- Acho uma coisa muito feia. Mas cada um tem
- o seu jeito de ser.

ESCOLA - E. E. F. Fundamental e Médio do Luiz Gonzaga F.

SEXO - Feminino

IDADE - 18 anos

## QUESTÕES PARA ADOLESCENTES

① VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE SEXO?

SIM ( ) NÃO (x)

POR QUÊ?

- Porque eu não gosto.
- prefiro ler livro sobre sexo.

② QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A VIRGINDADE?

- A virgindade é melhor coisa que um adolescente pode ter, mas pode perde-la antes de se casar. Por que a pessoa que tiver antes, vai ter varios problemas porque a pessoa não vai ter condições de criar a criança e etc...

③ QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O ABORTO?

- Eu não aprovo uma pessoa abortar porque se a pessoa não quiser engravidar na hora do sexo. Porque ver o abortamento está matando um vida o bebê.

④ QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

- Também não aprovo, mas se a pessoa quer ser, não tenho nada de contra.

## BIBLIOGRAFIA

ARIES, P. "*Historia social da criança e da família*". Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. "*Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*". Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; séc.; 1997.V10.

BRUSCHIANI, M. C. "*Mulher, Casa e Família: O Cotidiano nas Camadas Medias Paulistanas*". Vértice, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1990.

CADERNOS PELA VIDA. "*o Direito de Saber*". RNDH-Rede Nacional de Direitos Humanos em HIV/AIDS. Ministério da Saúde CN-DST/AIDS. Abril, 13/02/02.

CARDOSO, F. L. "*O que é orientação sexual*". São Paulo: Brasiliense, 1996 (coleção primeiros passos; 307).

CARELLI, G. "O Sexo começa cedo e com ousadia". *VEJA*. 13/02/2002.

DEMARI, J. "Os Pais Estão Confusos". *VEJA*. 26/01/2000.

DOMINIAM, J. "*Maturidade sexual: a solução para a AIDS*". Tradução: Bárbara Theoto Lambert e Marco Jose Marcionilo. São Paulo: Ed.Loyola, 1989.

FOUCAULT, M. "*História da Sexualidade I : A Vontade de Saber*". Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Gerais, 1988.

LOURO, G. L.(org.). "*O corpo educado, pedagogias da sexualidade*". Belo Horizonte: Autêntica,, 1999. p. 85 à 111.

LOYOLA, M. A (org.). "*AIDS e Sexualidade: O Ponto de Vista das Ciências Humanas*". Rio de Janeiro: Relume-Dumara: UERJ, 1994.

PARKER, R. e BARBOSA, M. R. (ogr.). "*Sexualidades Brasileiras*". Rio de Janeiro: Relume Dumara: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 113 à 234.

PINEL, Arletty e INGLES, Elisabete. "*O que é AIDS*". São Paulo: Brasiliense, 1996. (coleção primeiros passos; 300)

SALOMON, D. V. "*Como Fazer uma Monografia*". São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIBEIRO, M. "*O prazer e o pensar: orientação sexual para Educadores e profissionais de saúde*". São Paulo: Gente: cores – centro de orientação e educação sexual, 1996.